

## IDEIA E PERCEPÇÃO EM MALEBRANCHE: ANÁLISE DA TEORIA DA COGNIÇÃO EM A BUSCA DA VERDADE

Pedro Prikladnitzky<sup>1</sup>

Olavo de Salles<sup>2</sup>

Amanda Victoria Milke Ferraz de Carvalho<sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo contextualiza o problema epistemológico da percepção em Nicolas Malebranche, a partir de *A busca da verdade*, 1674, especificamente na parte II do Livro III, na qual ele se posiciona de modo resolutivo quanto à pergunta: *como são possíveis nossas percepções das coisas materiais?* O objetivo de nosso artigo reside em esclarecer a posição de Malebranche no interior dessa pergunta que busca expor as condições lógicas, ontológicas e epistemológicas que possibilitam as percepções. Adotamos o seguinte itinerário I) jogamos luz na pergunta da possibilidade da percepção, II) expomos algumas definições fundamentais na filosofia de Malebranche, III) situamos o problema no interior da epistemologia do autor, IV) apresentamos análise empreendida por Malebranche das cinco hipóteses (exaustivas) que respondem ao problema, e aos contra-argumentos face a *quatro* delas, V) explanamos o argumento em favor da quinta hipótese: que podemos perceber as coisas vendo as ideias delas em Deus. O quinto momento constitui o resultado de nossa pesquisa, a saber, Malebranche exclui quatro das cinco hipóteses, e aceitando a última (e única) restante, resolve o problema da percepção com sua teoria das ideias, segundo a qual temos percepção das coisas em Deus.

**Palavras-chave:** Malebranche. Teoria das ideias. Visão em Deus.

## IDEA AND PERCEPTION IN MALEBRANCHE: ANALYSIS OF THE THEORY OF COGNITION IN *THE SEARCH AFTER TRUTH*

**ABSTRACT:** The present paper contextualizes the epistemological problem of perception in Nicolas Malebranche, from *The Search after Truth*, 1674, specifically in the second part of the third book. There he resolutely takes a stand on the following question: how are our perceptions of material things possible? The aim of the paper is to clarify Malebranche's position, which searches to expose the logical, ontological, and epistemological conditions for perception. We follow the route: I) we clarify the question for the possibility of perception, II) expose some fundamental definitions of Malebranche's philosophy, III) situate the problem within the authors' epistemology, IV) follow Malebranche's analysis of the five hypotheses (exhaustive) that answer to the problem at hand, and the counterarguments against four of them, V) follow the argument in favor of the fifth hypothesis: that we can perceive all things by seeing their ideas in God. The fifth moment is also our research's result, that is, Malebranche excludes four of the five hypotheses, and by accepting the one (and only) remaining, he resolves the perception problem with his theory of ideas, according to which, we have perceptions of all things in God.

**KEYWORDS:** Malebranche. Theory of ideas. Vision in God.

<sup>1</sup> Pós-doutorando pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5741-1746>. Correio eletrônico: [prikladnitzky@gmail.com](mailto:prikladnitzky@gmail.com).

<sup>2</sup> Mestrando em Filosofia Pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil. Correio eletrônico: [olavo.salles144@gmail.com](mailto:olavo.salles144@gmail.com).

<sup>3</sup> Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Toledo, PR, Brasil. Correio eletrônico: [mandamilke@gmail.com](mailto:mandamilke@gmail.com).

## INTRODUÇÃO

O presente texto tem o objetivo de expor e elucidar a posição de Nicolas Malebranche (1638-1715), em sua teoria das ideias, frente ao problema epistemológico da percepção. Nossa análise se concentra na obra *A busca da verdade* (1674). O mencionado problema refere-se à apreensão explícita do modo pelo qual podemos perceber as coisas fora de nós<sup>4</sup>. Pressupõe-se nisso que de fato temos percepções e pergunta-se pelas condições epistêmicas e ontológicas que a tornam possível. Em todo caso, em um primeiro momento, trata-se de demonstrar como *pensamos* as coisas que estão fora de nós, as quais Malebranche considera, em acordo com Descartes, como as coisas *extensas* ou materiais. Portanto, o problema geral que mesmo Malebranche tem de responder é o seguinte: *de onde vem a possibilidade de algo imaterial perceber algo que em si mesmo é material?* É evidente que o pensamento, sendo essencialmente imaterial, não pode conceber literalmente algo que em si mesmo é material, pois caso contrário deixaria de ser pensamento (MALEBRANCHE, 2004, p. 37-38; MALEBRANCHE, 2004, p. 61). Assim, não se pode realmente “pensar” materialmente algo material, e mais precisamente, não se pode pensar algo material *enquanto* material, dada a heterogeneidade entre pensamento e extensão. De fato, percebemos as coisas materiais, mas *tal* percepção e aquilo que constitui as condições de sua possibilidade não são coisas materiais. No que consistem basicamente tais condições? O que possibilita o pensamento imaterial ter acesso a algo material?

O problema da percepção se desdobra pela análise do espírito do homem. De acordo com Malebranche (MALEBRANCHE 2004, p. 61), no espírito humano, uma substância simples e indivisível por não possuir extensão, distinguimos o entendimento e a vontade como duas faculdades ou capacidades. Assim, o desdobramento do problema da percepção se encaminha para uma análise de nós mesmos, de nossas capacidades intelectuais e volitivas<sup>5</sup>. Essas faculdades, de acordo com Malebranche (2004, p. 62), diferenciam-se à medida que: “[...] a primeira, que é o *entendimento*, tem a propriedade de receber várias *idéias*, isto é, de perceber várias coisas; a segunda, que é a *vontade*, é a faculdade que recebe várias *inclinações* ou quer diferentes coisas.” É a partir da análise do entendimento que se tornará clara a teoria das ideias em Malebranche.

Como, então, o filósofo vê o vínculo do entendimento com as ideias? Temos percepção das coisas externas à medida que o entendimento *recebe ideias*. Mas o que significa “receber”? De início,

---

<sup>4</sup> Essa expressão, “as coisas fora de nós”, tem pelo menos dois sentidos no *A busca da verdade*. Nas investigações preliminares do capítulo I do livro I, Malebranche usa-a para se referir, de uma maneira mais ampla, a qualquer coisa que existe fora do sujeito da percepção e que dele se distingue substancialmente, e adiante, na parte II do livro III, especificamente usa-a para se referir às coisas materiais do mundo físico. Nós usaremos esse termo, “coisas fora de nós”, exclusivamente no segundo sentido.

<sup>5</sup> O foco do presente texto é a teoria das ideias de Malebranche, que se situa no problema da percepção, não consideraremos a faculdade da vontade, uma vez que não se vincula diretamente com a percepção.

o “receber” indica a passividade do espírito em perceber ideias e de ser por elas modificado. O homem é capaz dessa recepção mediante seu entendimento (MALEBRANCHE, 2004, p. 64-65). O filósofo depreende que perceber e receber ideias é o mesmo: “...é a mesma coisa para a alma perceber um objeto e receber a ideia que o representa” (MALEBRANCHE, 2004, p. 65). Isso demarca o caráter passivo do entendimento. Daí se conclui que é impossível para o espírito perceber um objeto externo<sup>6</sup> sem sofrer modificações internas pelas ideias.

Temos de considerar em seguida que Malebranche (2004, p. 63) distingue entre percepções puras e sensíveis; e qualquer que seja o tipo das percepções, sempre o percebido é uma ideia. Notamos aqui, desse modo, que na abertura de *A busca da verdade*, Malebranche sustenta que a ideia é o objeto da percepção. O ato cognitivo pressupõe uma ideia. Quando o espírito não sofre modificações ao receber ideias, trata-se da percepção pura. Nesse caso, pois, não há propriamente objeto percebido, ou, o que é o mesmo, o objeto percebido é interno e não externo; entram aqui as *representações* das figuras geométricas e objetos espaciais. Há propriamente modificação na alma<sup>7</sup> quando nela há percepções sensíveis, de tal modo que, para Malebranche, *os sentidos ou sensações* são apenas modificações na alma quando essa recebe ideias, ele distingue: “[...] o entendimento imagina os objetos ausentes e sente aqueles que estão presentes [...] os *sentidos* e a *imaginação* são somente o entendimento percebendo os objetos pelos órgãos do corpo” (MALEBRANCHE, 2004, p. 65). É importante enfatizar que Malebranche compreende a capacidade sensível do homem como algo pertencente ao entendimento, pois é natural que as percepções sensíveis, as únicas que indicam uma modificação na alma, vinculem-se à capacidade de receber ideias e de ser por elas modificadas. Ter uma sensação é perceber um objeto externo (extenso, material) através dos sentidos. Então a afecção sofrida pelos sentidos é percebida pelo entendimento através de uma ideia. Nesse sentido, uma sensação também é uma modificação da alma, e precisamente de sua faculdade do entendimento. De outro lado, porém, naturalmente a sensação pressupõe uma afecção física de algo no aparato fisiológico.

No parágrafo anterior afirmamos que sempre o percebido é uma ideia. Cabe agora definir expressamente o estatuto da ideia. Embora na obra *A busca da verdade* ocorra uma ambiguidade nessa definição, tomaremos aquela expressa por Malebranche no contexto da investigação pela sua natureza - o texto diz: “[...] por essa palavra, “ideia”, entendo somente o que é o objeto imediato ou o mais próximo do espírito, quando ele percebe algum objeto, isto é, o que afeta e modifica o espírito com a percepção que ele tem de um objeto (MALEBRANCHE, 2004, p. 166).

<sup>6</sup> Os objetos internos (figuras geométricas e afins) são percebidos, mas tal percepção não institui uma modificação para que possa ser percebida; é o que veremos adiante.

<sup>7</sup> Os termos 'espírito', 'alma' e 'mente' são utilizados de maneira intercambiável.

As ideias, como objetos imediatos da percepção, têm o papel de mediação entre os objetos da realidade externa e o espírito pensante; as ideias são indispensáveis para perceber os objetos externos, já que a alma a eles não pode estar diretamente unida (MALEBRANCHE, 2004, p. 169). Torna-se evidente com isso que as ideias entram em jogo como elemento da condição de possibilidade da percepção, ela responde pelo problema geral da percepção: *de onde vem a possibilidade de algo imaterial perceber algo que em si mesmo é material?* Temos que explicitar agora de que modo exatamente Malebranche compreende a articulação entre os elementos necessários na percepção. O filósofo trabalha com cinco hipóteses pelas quais podemos perceber os objetos fora de nós, com o objetivo de esmiuçá-las, e chegar a determinar qual seria a mais verossímil entre elas. Debruçar-nos-emos sob cada uma a seguir, antecipando sua conclusão com um argumento por exclusão: nós vemos todas as coisas em Deus.

Malebranche parte da listagem das várias hipóteses que visam explicar como a mente tem cognição de objetos externos, para, então, argumentar em favor da recusa de todas as hipóteses com a exceção da visão em Deus. É claro que o argumento só será probante, como Malebranche reconhecerá em sua resposta a Régis (OCM XVII-1; MALEBRANCHE 1958, p. 290-1). se a lista for exaustiva e as refutações definitivas. É justamente a questão da exaustividade que incomoda Locke nessa passagem de Malebranche. Segundo ele, não há maneira de garantir que todas as hipóteses foram listadas (LOCKE 1823, vol. X, p. 214). Foucher vai, também, na direção de Locke e aponta, além disso, que Malebranche assume de maneira injustificada que possuímos cognição e conhecimento dos objetos externos (GOUHIER 1948, p. 238). Sem assumir isso, a conclusão poderia ser, na melhor das hipóteses, apenas disjuntiva: ou bem a visão em Deus ou bem o ceticismo.

Malebranche, por outro lado, acredita que a lista a seguir é exaustiva:

Afirmamos, portanto, que é absolutamente necessário: ou que as ideias que temos dos corpos e de todos os outros objetos que não percebemos por eles mesmos vêm desses mesmos corpos ou objetos; ou que nossa alma tem a potência de produzir estas ideias; ou que Deus as produziu com ela ao criá-la; ou que ele as produz todas as vezes que pensamos em algum objeto; ou que a alma tem em si mesma todas as perfeições que vê nos corpos; ou, finalmente, que ela está unida a um ser totalmente perfeito e que contém genericamente todas as perfeições inteligíveis ou todas as ideias dos seres criados. Podemos ver os objetos somente em uma dessas maneiras (OCM I, p. 417; MALEBRANCHE, 2004, p. 171).

A passagem acima apresenta cinco hipóteses (uma podendo ser subdividida) a respeito da natureza da cognição dos objetos externos. Elas podem ser rerepresentadas da seguinte maneira (PYLE 2004, p. 52): (1) Objetos externos originam (causam) as ideias mediante as quais nós os percebemos; (2) A alma produz ou cria as suas próprias ideias. A alma tem a capacidade de gerar o intermediário de percepção dos objetos externos; (3) Deus cria ou produz as ideias na alma. (4) A alma contém nela mesma todas as perfeições de outras criaturas e pode, portanto, conhecê-las nela mesma; (5) Nós vemos todas as coisas em Deus.

Encontramos, na literatura secundária, grande diversidade de considerações sobre a origem e a justificação de tal lista. De acordo com Connell, ela é derivada de abordagens escolásticas acerca da cognição angélica, provavelmente do tratado *De Angelis* de Suárez (CONNELL 1967, p. 162-5). Isso pode parecer estranho em um primeiro momento. Em diversas passagens de *A busca pela verdade*, Malebranche demonstra seu descontentamento com a filosofia escolástica e com a forma como ela teria corrompido uma maneira correta de investigação das questões filosóficas. Contudo, as reclamações de Malebranche sobre a escolástica repousam, sobretudo, no empirismo e hilemorfismo de origem aristotélica. Na medida em que é um adepto do dualismo cartesiano, ele poderia rejeitar as posições aristotélicas acerca da natureza do homem e, ainda assim, concordar, em algum aspecto, com as posições acerca da natureza dos anjos, seres puramente imateriais, e do conhecimento angélico, totalmente independente dos sentidos, e aplicá-las à sua concepção de alma e de seus poderes cognitivos. Mas, mesmo que Connell tenha razão (lista for originalmente retirada de Suárez), parece não haver dúvida que Malebranche pensava que esse modelo fosse aplicável às teorias de La Forge, Arnauld, Cordemoy e Régis, seus contemporâneos e rivais cartesianos.

Quais razões Malebranche possuía para crer que tal lista é exaustiva? As respostas mais plausíveis a essa pergunta parecem ter sido dadas por Plínio Smith (SMITH 2004, p. 171), Connell (CONNELL 1967, p. 152-5) e Nadler (NADLER 1992, p. 138-40). Plínio Smith, em uma nota da sua tradução, sugere que consideremos o seguinte: uma cognição de um objeto externo, para Malebranche, seria composta de apenas quatro elementos - os próprios objetos externos; a alma que os percebe; a modificação que ocorre na alma quando os percebe; e Deus. Dado esses quatro elementos, seriam possíveis apenas cinco combinações para compreender a natureza das cognições, e, portanto, haveria somente as cinco teorias sobre a natureza das ideias mencionadas por ele. Connell e Nadler têm uma abordagem semelhante. H1-H4, apresentadas acima, podem ser divididas da seguinte forma: H1 e H2 são teorias empiristas; H3 e H4 são inatistas, ou, ao menos, não empiristas. Em H1 e H3 a mente é passiva ao receber as ideias; em H2 e H4 ela é ativa. Assim, temos a seguinte divisão (PYLE 2004, p. 53).

H1: Empirista e passiva. Objetos externos simplesmente imprimem a sua ideia na mente gerando, assim, a respectiva cognição. H2: Empirista e ativa. A impressão sensível é ainda necessária, mas agora serve apenas como a ocasião para a mente exercer o seu poder constitutivo e criar por si mesma uma ideia correspondente. A hipótese 3 se subdivide: H3a: Inatista e passiva. A mente é apenas um grande armazém, lotado desde a sua criação por Deus com todas as ideias que ela virá a precisar. H3b: Nem empirista nem inatista, mas passiva. Ideias não são nem derivadas da experiência nem inatas, mas apenas criadas por Deus, na medida em que a ocasião demandar. H4: Inatista e ativa.

A mente é ela mesma um mundo inteligível e, como tal, capaz de descobrir, ao investigar sua própria natureza, as propriedades das coisas externas. Somando essas quatro alternativas, com a quinta, que virá a ser assumida como correta, constituiríamos o quadro total das possibilidades de compreensão da cognição de acordo com Malebranche. Ao darmos conta de aspectos empíricos, inatistas, ativos, passivos da percepção, abordamos todas as possibilidades em que se pode constituir uma percepção.

Creemos, com isso, que a origem e a justificação da listagem de Malebranche são compostas tendo tomado como base tanto elementos históricos quanto uma consideração lógica das possibilidades de se compreender a cognição humana, o que foi feito brevemente acima. As constantes referências a autores contemporâneos e a similaridade das doutrinas criticadas com aquelas em voga no século XVII, fornecem o forte indício de que a listagem de Malebranche diz respeito ao que o próprio filósofo considerava relevante no âmbito das teorias sobre a cognição no seu tempo e o seu desejo de inserir-se no debate da época. Por isso, a análise dos argumentos apresentados por Malebranche contra as hipóteses será acompanhada de uma tentativa de mapeamento histórico, tendo como base a literatura secundária, do alvo de tais críticas.

Passamos agora a apresentação mais detida de cada uma dessas hipóteses.

A primeira hipótese descartada é aquela dos escolásticos, e advinda de Aristóteles, a de que, *na percepção dos objetos materiais, eles nos enviam espécies materiais, que se lhe assemelham*. Cabe ressaltar que a teoria das espécies materiais é formulada de acordo com a interpretação de Malebranche, e a partir dela por ele também descartada. É assim que Malebranche ilustra essa teoria:

[...] pretendem que os objetos de fora enviam espécies que se lhes assemelham e que essas espécies são levadas pelos sentidos externos até o sentido comum; eles chamam essas espécies de “impressos”, porque os objetos as imprimem nos sentidos externos. Essas espécies impressas, sendo materiais e sensíveis, são tornadas inteligíveis pelo *intelecto agente* ou *ativo* e são próprias para serem recebidas no *intelecto passivo*. Essas espécies assim espiritualizadas são chamadas espécies “expressas”, porque elas são expressas das impressas e é por elas que o *intelecto passivo* conhece todas as coisas (MALEBRANCHE, 2004, p. 172).

Em face dessa elaboração, explicaremos os contra-argumentos de Malebranche. O primeiro argumento contra a hipótese baseia-se na lei da impenetrabilidade dos corpos. Ora, objetos sensíveis e materiais enviam espécies sensíveis e materiais que são semelhantes a eles mesmos em sua natureza material. Trata-se de tomar as espécies impressas como se fossem literalmente ínfimos pedaços materiais pertencente a um corpo material. Vemos que formar uma percepção disso é impossível, porque, em primeiro lugar, tais espécies corpóreas não podem penetrar o espírito humano, dada a lei da impenetrabilidade dos corpos, de modo que: “[...] é fácil concluir que elas deveriam se friccionar e bater [...] indo para um lado e para outro [...], e assim não podem tornar os objetos visíveis.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 173) Ademais, a partir da mesma lei de impenetrabilidade, Malebranche conclui que seria impossível o que é claramente verossímil, a saber, que vemos várias coisas ao

mesmo tempo. Porque, de acordo com a hipótese, as espécies impressas deveriam se reunir em uma só e ao mesmo tempo que temos a percepção (única) de várias coisas. Dada a impenetrabilidade dos corpos, isso é manifestamente impossível, pois dois corpos não ocupam o mesmo lugar no espaço.

O segundo argumento contra a hipótese se refere à mudança que ocorre nas espécies. Malebranche sustenta que a diferença na distância entre aquele que percebe a espécie e o objeto ao qual pertence a espécie, causaria uma diferença também na espécie enviada, de modo que: “[...] quanto mais próximo está um objeto, tanto maior deve ser a espécie, visto que vemos o objeto maior.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 174) Ora, não é claro aquilo que faz com que, não obstante a diferença do tamanho da espécie, o próprio objeto que lhe envia se mantenha no seu tamanho, e nem mesmo é claro aquilo que aumenta ou diminui o tamanho da espécie. Logo, por falta de clareza, a hipótese deve ser descartada.

Já o terceiro dos argumentos diz que vemos igualdade em objetos geométricos mesmo que os próprios objetos nos enviem espécies sensíveis que são desiguais; ele conclui disso que essa igualdade vista não é produzida pelo próprio objeto e enviada como uma espécie a ele semelhante. E, por fim, o quarto argumento, consiste em dizer que, se o objeto envia literalmente partes materiais sensíveis (as espécies impressas) ao espírito, ele deveria, pelo menos em alguma medida, diminuir de tamanho, desgastar, o que não parece ser o que acontece.

*A segunda hipótese* descartada é a de que *a alma produz por si mesma as ideias quando é estimulada pelos objetos pelos quais tem impressões*. O homem supostamente teria a potência de criar e aniquilar todas as ideias que é capaz de pensar.

O primeiro argumento contra a hipótese baseia-se na *impotência constitutiva do homem* (cf. MALEBRANCHE, 2004, p. 175-178), segue-se assim: postulando que as ideias são entes reais, dado que têm diferenças dadas pelas suas propriedades reais, e que são entes espirituais, e não extensos, parece natural concluir que as ideias são mais nobres que os próprios corpos. Ora, o homem é uma união de corpo e espírito; a hipótese segundo a qual o homem é capaz de produzir ideias, implica que um ser corpóreo e finito é capaz de produzir entes mais nobres do que ele mesmo, as ideias. A criação verdadeira das ideias só é admitida como possível para um ente mais nobre e perfeito que as próprias ideias (Deus). O homem não só não pode criar as ideias do nada (pois isso só o pode Deus), mas também não as pode produzir a partir de algo de natureza diversa (de algo extenso ou pensante).

O segundo contra-argumento tem outra natureza (cf. MALEBRANCHE, 2004, p. 178), a de que, mesmo supondo o homem como um ente onipotente, parece que ele só é capaz de criar ou produzir algo *a partir* de uma ideia pré-concebida, e nunca pode formar ideia de um objeto do qual não conhece de antemão; mas, se o homem já o conhece de antemão, então a ideia, que lhe serve para

possibilitar conhecimentos, não tem nenhuma serventia. Um terceiro contra-argumento (Cf. MALEBRANCHE, 2004, p. 180-181) diz que o homem não cria ou produz suas ideias porque aparentemente sempre e a cada vez que percebe algo se segue que se lhe revele a ideia desse algo, porque não é o caso que “[...] uma coisa é causa de algum efeito quando um e outro estão unidos” (MALEBRANCHE, 2004, p. 180), ou se seguem temporalmente.

A terceira hipótese descartada é a de que vemos os objetos pelas ideias criadas conosco, e que Deus as produz a cada momento que delas precisamos. Trata-se da opinião de que as ideias ou são inatas ou são criadas por Deus junto a nós.

O primeiro contra-argumento considera que existem ideias infinitas de objetos que variam infinitamente (por exemplo, figuras geométricas); tais ideias não poderiam ser criadas em um ou junto de um ente finito (o homem). Porque embora podemos conceber a ideia de um número infinito de triângulos, essa ideia é indistinta, ou seja, não podemos conceber *distintamente* infinitos triângulos (MALEBRANCHE, 2004, p. 184). Em outras palavras, isso é dizer que podemos conceber a possibilidade de infinitos triângulos, mas não podemos os conceber em atualidade ou realmente concebê-los.

O segundo contra-argumento contra essa hipótese é análogo ou semelhante àquele argumento apresentado acima, ou seja, aquele de acordo com o qual só podemos conceber uma ideia se sabemos de antemão aquele objeto que lhe é correspondente. Malebranche supõe, em acordo com a teoria do inatismo, que todas as ideias estão previamente disponíveis no intelecto, e o homem, ao perceber os objetos, tem de ir até o entendimento e reconhecer nele a ideia que lhes corresponde. Isso não só seria impossível, pois haveria um número infinito de ideias para distinguir, mas seria fútil, pois para reconhecer essa ideia correspondente ao objeto, ele já deve ter consigo antecipadamente o conhecimento de tal ideia; ele deveria imediatamente conhecer as infinitas ideias, para ir até aquela ideia correspondente ao objeto. Mas isso é absurdo, porque, nesse caso, a busca pressupõe que tenhamos justamente aquilo que é buscado.

Além disso, para um terceiro contra-argumento, Malebranche utiliza o clássico<sup>8</sup> argumento de que Deus age de acordo com a via mais simples possível, porque isso constitui a via mais perfeita, conforme um ser perfeito; ora, isso exclui a posição de que Deus tenha de criar infinitas vezes ideias distintas, porque isso é infinitamente complexo. No mais, não podemos admitir com isso que Deus tenha que criá-las ou revelá-las segundo a nossa vontade e à medida que percebemos as coisas particulares.

---

<sup>8</sup> Cf. Em Santo Agostinho, *De Doctrina Christiana* e *De Trinitate*; em São Tomás de Aquino, *Suma Teológica*.



A quarta hipótese descartada é que o espírito veria a essência, e a existência dos objetos, considerando as suas próprias perfeições.

O argumento exposto por Malebranche, que foi atribuído a Arnauld em *Des Vraies et Fausses Idées* (1683), segue-se assim: 1) o que é superior compreende as perfeições das coisas inferiores pelas próprias perfeições; 2) o espírito é mais nobre (superior) do que as coisas extensas que concebe; 3) portanto, o espírito contém em si mesmo tudo que existe no mundo visível, e pode percebê-los (os objetos possíveis) apenas modificando-se diversamente em suas perfeições. O espírito percebe a essência e a existência das coisas externas a partir de si mesmo, percebe-os *somente* modificando-se. Malebranche aceita que para algumas modificações a alma depende apenas de si mesma ou de suas perfeições, a saber, as sensações e paixões que não representam nada fora da própria alma, mas coloca em suspenso: talvez as ideias que representam objetos externos não são “rigorosamente” modificações da alma, ou seja, a percepção imediata dos objetos pelas ideias, embora seja uma modificação, depende de algo que justamente não “está” na alma.

O contra-argumento de Malebranche começa mostrando que é necessário que Deus veja a partir de si mesmo, pelas próprias perfeições, a existência e essência das coisas. Assim, é manifesto que, para criar as coisas, Deus teve de ter em si mesmo o conhecimento das ideias das coisas. Tais ideias confundiam-se com o próprio Deus, de modo que Ele as contém em si mesmas “[...] de uma maneira inteiramente espiritual e que nós não podemos compreender.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 189). Assim Deus vê a essência das coisas nele mesmo. Por outro lado, também essas coisas criadas não podem existir independente da vontade de Deus, de modo que, se Deus não pode ignorar suas próprias vontades, ele também não pode ignorar a existência das coisas. Logo, Deus conhece a partir de si e por suas próprias perfeições, a existência e a essência das coisas que criou.

Malebranche adiante demonstra que o espírito não pode o mesmo que Deus. O argumento mostra: o espírito pode conhecer todas as coisas, e inclusive a infinidade das coisas, mas não pode conter em si, ou seja, a partir das suas próprias perfeições, o que é necessário e suficiente para concebê-las, porque é um ser finito. O espírito humano pode conceber realmente o infinito, mas não o compreender, pois não o contém em si distintamente (MALEBRANCHE, 2004, p. 189). Nas perfeições do espírito não cabe o infinito, o mesmo que, no entanto, é bem capaz de ser concebido; ora, isso significa que o espírito não é capaz de modificar-se infinitamente para conceber a infinidade das coisas. Se o homem fosse capaz de conceber por si mesmo a essência das coisas, então ele seria capaz de conceber por si mesmo a infinidade das coisas. Como se demonstrou, ele não é capaz de conceber a infinidade das coisas, logo, ele não é capaz de conceber por si mesmo a essência das coisas. Ele não é nem ao menos capaz de conceber por si mesmo a existência das coisas, não só

porque as coisas existem ou não independentemente da vontade do homem, mas também porque ter uma ideia que representa coisas não implica que as coisas representadas por essas ideias realmente existam, ou seja, não é porque o homem concebe uma ideia que as coisas que ele se representa existam. Logo, o homem não concebe por si mesmo (por seu entendimento ou vontade) nem a existência e nem a essência das coisas.

A *quinta hipótese* proposta e *defendida* por Malebranche é a de que nós vemos todas as coisas em Deus. E essa é a hipótese que deve poder responder ao problema geral da percepção das coisas externas, trata-se de demonstrar a dependência que os pensamentos do espírito têm de Deus (MALEBRANCHE, 2004, p. 190), de que os espíritos podem ver em Deus, pela vontade Dele, tudo que Ele criou (MALEBRANCHE, 2004, p. 191). Porque de duas coisas que foram dadas como certas, a saber, que 1) Deus deve conter em si a ideia de todas as coisas que criou, e 2) que o espírito do homem “...encontra-se, por sua própria natureza, como que situado entre seu criador e as criaturas corporais...” (MALEBRANCHE, 2004, p. 37), seria possível demonstrar que, nesse íntimo vínculo com a presença de Deus, o espírito pode acessar (ver) as ideias que em Deus se fazem presente. Subentende-se que não há um número infinito de ideias para cada percepção de objetos, o que já antes foi demonstrado, mas que cada percepção vê os objetos por uma ideia que se faz presente no espírito pela vontade divina.

O problema da percepção é respondido por Malebranche pela tese da visão em Deus, nela o filósofo expressa sua teoria das ideias. O conceito de ideia tem peso decisivo em sua elaboração, pois, ver todas as coisas em Deus significa ver a ideia das coisas em Deus. Como vimos, a ideia foi definida como o objeto imediato da percepção das coisas externas, a ideia não “reside” no espírito. Percebemos as coisas quando recebemos suas ideias. E agora propõe-se que as ideias, assim como nosso espírito, estão como que em Deus. Adiante se seguirá uma análise de como acontece de fato tal recepção das ideias, e de que modo essa recepção se une com as sensações.

Com efeito, a teoria da percepção em Malebranche compreende nesse ato um momento constituído por dois elementos fundamentais e logicamente distintos: “Quando percebemos alguma coisa sensível, encontram-se, em nossa percepção, *sensação* e *idéia* pura.”, (MALEBRANCHE, 2004, p. 199) no entanto, Malebranche diz: se por um lado, como vimos, as ideias não estão alocadas no espírito, e, portanto, precisam da vontade divina para que nele as tenhamos, as sensações que temos, as temos em nós mesmos, e não em Deus, embora ainda necessitemos de sua vontade: “A sensação é uma modificação de nossa alma, e é Deus que a causa em nós;” (MALEBRANCHE, 2004, p. 199), mas Deus mesmo não tem sensações, pois, como foi postulado, ele é compreendido como “[...] o lugar dos espíritos [...]” (MALEBRANCHE, 2004, p. 191). Assim, enviando-nos pela sua

vontade as ideias das coisas, e causando em nós a modificação das sensações delas, ele “[...] une a sensação à ideia, quando os objetos estão presentes, a fim de que acreditemos assim e entremos nas sensações e nas paixões que devemos ter com relações a eles.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 199) Com essa distinção em mente, podemos compreender as três razões que fortalecem o argumento de Malebranche em favor da tese da visão em Deus.

A primeira das razões pressupõe um princípio que afirma: “[...] Deus jamais faz por vias muito difíceis o que pode ser feito por vias muito simples e muito fáceis, pois Deus não faz nada inutilmente e sem razão.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 191) Em outras palavras, isso é dizer que Deus faz pelas vias mais fáceis possíveis, e isso mostra sua potência. Ora, mostrar aos espíritos as ideias que estão nele mesmo, e com isso mostrá-los todas as coisas, é possível e mais fácil e simples do que criar, a cada vez, infinitas vezes todas as ideias de todas as coisas. Não há indício de que isso seja impossível, e de que ocorra de outro modo, o que leva a concluir que é assim que deve acontecer. Nisso Malebranche é cuidadoso ao distinguir que “[...] não podemos concluir que os espíritos vêm a essência de Deus do fato de que eles vêm, dessa maneira, todas as coisas em Deus.” (MALEBRANCHE, 2004, p. 192). Em outras palavras, que o homem percebe em Deus, não significa que ele percebe Deus mesmo. Pois, o que as criaturas veem de Deus está limitado à constituição finita deles, e nunca alcançam sua perfeição. O que vemos mais propriamente ao receber as ideias são as próprias coisas que as ideias representam (MALEBRANCHE, 2004, p. 193), a função e a eficácia das ideias está em deixar mostrar os objetos externos.

A segunda razão pressupõe uma tese teológica, a de que temos uma inteira dependência de Deus, a maior que possa ser (MALEBRANCHE, 2004, p. 193). Malebranche conclui disso que, se Deus não quisesse mostrar as coisas, não só não seríamos capazes de ver o que Deus não quer mostrar, como não seríamos capazes de ver algo que Deus mesmo não mostre; em outras palavras, é de Deus que vem a nossa *capacidade* de ver, e, portanto, também a possibilidade de não ver, vemos o que vemos e não vemos o que não vemos de acordo com a vontade de Deus.

A terceira razão se encontra no modo pelo qual seria possível pensar as coisas “em geral”. Ao querer pensar em um objeto determinado, pensamos em todos os objetos possíveis e deles retiramos o objeto particular desejado. Ora, para sermos capazes de desejar ver um objeto, teríamos de “conhecer” tal objeto previamente, se bem que de maneira confusa. Ou seja, não se pode desejar um objeto desconhecido. Assim, parece que é forçoso dizer que todos os seres estão como que indeterminadamente em nosso espírito, pois podemos pensar “todos os objetos possíveis”. De fato, mas à medida que essa “presença de todos os objetos possíveis” se confunde com “a presença divina”, uma vez que Deus encerra em si todas as suas criaturas. O que leva a concluir que todos os seres estão

contidos em um, aquele de gênero supremo. De fato, o argumento de Malebranche diz que *porque* vemos *todas* as coisas em Deus, podemos pensar em algo em *geral*, ou seja, algo no sentido de seu *gênero*. Não poderíamos pensar o conceito de “todas as cadeiras” ou “as cadeiras em geral”, se não víssemos em Deus todas elas, pois não temos percepções sensíveis de algo em geral. Ora, de fato somos capazes de pensar e representar conceitos genéricos, de acordo com isso, essa capacidade não pode ser explicada pelas sensações que temos das coisas, logo, só pode ser explicado por Deus e pelas ideias que temos nele.

Malebranche, que através de uma análise da apreensão perceptual conclui que ideias são entidades distintas tanto da mente do sujeito que percebe como do objeto que as ideias pretendem representar. As ideias são, por sua vez, objetos ontologicamente distintos tanto do ato de percepção, uma operação da mente, como do objeto externo, o que seria supostamente visado pelo ato de perceber. Malebranche pretende estabelecer, a partir do seu argumento para o caráter indispensável das ideias, que estas são, de fato, entidades representacionais que substituem os objetos materiais no processo de cognição. Além disso, o que também é consequência desse argumento, as ideias são aquilo que é percebido direta e imediatamente em todo ato de cognição. Essas ideias, mesmo que distintas da mente, são presentes a ela, se constituindo, para Malebranche, como entidades para as quais as operações da mente estão diretamente direcionadas. Essa teoria é comumente chamada de representacionalismo, realismo indireto ou teoria objetual das ideias, pela literatura secundária. Ela coloca Malebranche em um dos polos da dualidade de Descartes; a saber, as ideias são os objetos de percepção.

## REFERÊNCIAS

- ARNAULD, A. **Oeuvres d'Arnauld**. Lausanne, 1784.
- \_\_\_\_\_. **Des Vraies et des Fausses Idées**. Fayard, 1986.
- CONNELL, D. **The Vision in God: Malebranche's Scholastic Sources**. Nauwelaes, 1967.
- DESCARTES, R. **Oeuvres de Descartes**. J. Vrin, 1964-74.
- GOUHIER, H. **La Philosophie de Malebranche et Son Expérience Religieuse**. J. Vrin, 1948.
- GUEROULT, M. **Malebranche**. 3 vols. Aubier, 1955.
- LOCKE, J. **The Works of John Locke**. 10 vols. Tegg, 1823.
- JOLLEY, N. **The Light of the Soul: Theories of Ideas in Leibniz, Malebranche, and Descartes**. Oxford, 1990.
- MALEBRANCHE, N. **Oeuvres Complètes de Malebranche**. J. Vrin, 1958-70.
- \_\_\_\_\_. **De La Recherche de La Verité**. J. Vrin, 2006.
- \_\_\_\_\_. **A Busca da Verdade**. trad. Plínio J. Smith. Discurso Editorial, Paulus, 2004.

MOREAU, D. **Deux Cartésiens: La Polémique Arnauld Malebranche**. J. Vrin, 1999.

\_\_\_\_\_. **Malebranche**. J. Vrin, 2004.

NADLER, S. **Malebranche and Ideas**. Oxford, 1992.

\_\_\_\_\_. **Arnauld and the Cartesian Philosophy of Ideas**, Princeton, 1989.

\_\_\_\_\_. **Malebranche and the Vision in God: A Note on the Search After Truth III, 2, iii**. *Journal of History of Ideas*, Vol. 52, n. 2, pp. 309-14, 1991.

PYLE, A. **Malebranche**. Routledge, 2003.

ROME, B. **The Philosophy of Malebranche**. Henry Regnery Company, 1963.

SCHMALTZ, T. **Malebranche on Ideas and the Vision in God**. In: *Cambridge Companion to Malebranche*, pp. 59-87, Cambridge, 2000.

\_\_\_\_\_. **Malebranche's Theory of the Soul: A Cartesian Interpretation**. Oxford, 1996.

